RICHARD YATES: O CRONISTA DA *IDADE DA ANSIEDADE* REVISITADO

RICHARD YATES: THE CHRONICLER OF THE *AGE OF ANXIETY* REVISITED

Gustavo Vargas Cohen (UFRGS)[1]

RESUMO: O objetivo do presente texto é historicizar a trajetória literária, e suas implicações, daquele que foi considerado o grande escritor da *Idade da Ansiedade*, o norte-americano Richard Yates (1926-1992). Este estudo pretende uma revisão da recepção crítica do conjunto da obra de Yates, ao longo do tempo e no momento presente, com ênfase para seu principal romance *Revolutionary Road*, de 1961. Busca-se também uma historiografia literária informada que faça jus a grandeza do poder de observação e comentário social da ficção do autor.
PALAVRAS-CHAVE: Richard Yates; *Revolutionary Road*; Crítica historiográfica.

ABSTRACT: The objective of the present text is to historicize the literary trajectory, and its implications, of that who is considered the great writer of the Age of Anxiety, the American Richard Yates (1926-1992). This study intends a review of the critical reception of Yates's oeuvre, through time as well as ion the present, emphasizing his main opus, the 1961 novel *Revolutionary Road*. An informed literary historiography that accounts for the greatness of the power of observation and social commentary of the author's fiction is sought as well.
KEYWORDS: Richard Yates; *Revolutionary Road*; Historiographic criticism.

Introdução

Richard Yates é o escritor de *Revolutionary Road*, romance americano timidamente celebrado, *a priori*, publicado originalmente em 1961 pela Little, Brown & Co. e recentemente adaptado para o cinema pela *DreamWorks*, em associação com a *BBC Films*, estrelando Leonardo DiCaprio e Kate Winslet. O filme, dirigido por Sam Mendes, estreou nos cinemas oficialmente em 26 de dezembro de 2008. Graças ao sucesso de seu elenco, produção e distribuição, foi um dos principais responsáveis pelo renovado interesse em Yates. Pouco mais do que isto é geralmente conhecido pelo público leitor maior, ou melhor, pelo público leitor *sério*. O objetivo do presente texto é historicizar a trajetória – vida, obra, recepção crítica e implicações – daquele que foi considerado o grande escritor da *Idade da Ansiedade*. No Brasil, praticamente não há produção acadêmica em circulação explorando Yates investigativamente. Nos Estados Unidos, seu próprio país, um volume maior de crítica data dos anos 1960 e de, possivelmente, uma década posterior, e pouco mais que isso. Depois de receber críticas parcamente favoráveis por seu esperado segundo romance, *A Special Providence*, de

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na especialidade Literaturas de Língua Inglesa. Mestre em Língua Inglesa e Respectivas Literaturas. E-mail: gustavocohen.ufrgs@yahoo.com

1969, que apareceu somente oito anos depois de seu principal sucesso, Yates viveu o bastante para ver seu nome e suas obras desaparecerem, com injusta e dolorosa lentidão, das prateleiras das livrarias americanas e do mundo até, por fim, deixarem de ser reimpressas. Yates faleceu em 7 de novembro de 1992 aos 66 anos. Na ocasião de sua morte, todos os seus livros estavam esgotados.

A primeira biografia aprofundada da vida de Yates iria aparecer apenas em 2003, onze anos após sua morte, publicada pelo escritor americano Blake Bailey**,** intitulada **'**Uma Honestidade Trágica: A Vida e Obra de Richard Yates' (o livro, cujo título original é *A Tragic Honesty: The Life and Work of Richard Yates*, não possui tradução para o português-brasileiro até o presente). A biografia é, na verdade, uma versão expandida de um artigo originalmente de oito mil palavras que Blake redigiu para o *Dicionário de Biografia Literária* (Haygood 2009).

Conhecendo Yates

Richard Yates nasce em 3 de fevereiro de 1926 em Yonkers, Nova Iorque, em uma família instável. Seus pais se divorciam quando ele tinha apenas três anos. Nos anos que se seguiram à Grande Depressão, muda-se diversas vezes com a mãe e a irmã. Estuda no *The Avalon School*, em Nova Iorque, e conclui os estudos em 1944. Alista-se no exército e vai de navio para a França. Como muitos outros jovens escritores americanos dos anos 1950, presencia combate em primeira mão. Assim como outros, ele também contrai tuberculose, porém recupera-se após breve período de convalescência. Finda a ocupação da Alemanha, período em que serve ao exército, retorna a Nova Iorque, onde se casa. Em 1951, vivendo de uma pensão concedida pelo exército (visto que sua doença havia sido contraída durante o serviço militar), muda-se para Europa, onde permanece por vários anos e escreve prolificamente. Ao retornar para os Estados Unidos, trabalha em vários empregos na área da escrita, com menção especial para seu envolvimento com *The United Press* e *Remington Rand*. Faz *ghostwriting* e atua como professor na *The New School*, especialmente para pagar contas. Enquanto isso, suas histórias vão sendo, aos poucos, publicadas. Em 1959 divorcia-se da esposa e perde a custódia de suas duas filhas. Sua saúde se deteriora, ele perde peso e passa a ter dificuldades respiratórias sérias por consequência da tuberculose. Ele fuma demais, bebe demais e não se alimenta adequadamente. Alega-se que ele tenha sido hospitalizado neste período por resultado de uma síncope nervosa, ou de várias.

O ano de 1961 é para Yates seu *annus mirabilis*. Este mesmo ano marca o lançamento de grandes obras como 'A Agonia e o Êxtase', de Irving Stone, 'Franny e Zooey', de J.D. Salinger, *To Kill a Mockingbird*, de Lee Harper, 'Trópico de Câncer', de Henry Miller, entre outras. Dentre os *bestsellers* deste ano encontra-se seu primeiro romance, *Revolutionary Road*. Yates, até então, se destacava como um excelente escritor de contos e os vê publicados em revistas de distinção da época, como a *Atlantic*, *Esquire*, *Paris Review*, *Charm* e *Cosmopolitan*. Um de seus contos fora indicado ao Prêmio O. Henry de contos em 1956 e quatro outros são escolhidos para serem incluídos na coletânea *Short Story I*, da Scribner's, em 1958.

Revolutionary Road

Revolutionary Road é finalista do *National Book Award*, ao lado de *Catch-22*, de Joseph Heller, e de *The Moviegoer*, de Walker Percy – e igualmente merecedor. Publicado por Seymour Lawrence, o primeiro romance de Yates detalha a vagarosa erosão do casamento e dos sonhos de Frank e April Wheeler, um casal que reside em um subúrbio de Connecticut e que acredita ser superior ao que vê a sua volta e menospreza o cotidiano que julga banal. Frank tem um emprego tedioso em um escritório na cidade, porém sonha em ir para Paris para se descobrir e se tornar, possivelmente, um escritor. No fundo, a grande ambição de Frank é sair da mediocridade cotidiana e passar a fazer parte do que considera o *primeiro escalão*. Ele constantemente lembra a si mesmo que sua mulher, April, é uma mulher deste escalão e, provavelmente, o faz como mecanismo de defesa para enganosamente intensificar sua autoconfiança. Frank raramente duvida de seu próprio e, para ele, excepcional mérito, e mesmo sem ter, até aquele momento, conquistado nada, diz ter evitado estabelecer certos objetivos para sua vida para evitar as limitações deles advindas. Frank possui a tradicional crença americana de que tudo é possível e crê cegamente em seu próprio potencial, mesmo que nunca utilizado. Sua mulher, April, é totalmente consciente das pretensões do marido e tenta acompanhá-lo. Busca ver a si mesma como especial ou, pelo menos, superior aos seus vizinhos, os Campbell, embora isto não seja tão fácil para ela.

A cena de abertura do livro, a anteriormente mencionada montagem amadora da peça *The Petrified Forest* (originalmente de Robert E. Sherwood, de 1936), apresenta April Wheeler no papel principal, interpretando Gabrielle (papel ocupado por Bette Davis na versão cinematográfica da mesma obra), uma garçonete em um café no meio do deserto e uma artista amadora que sonha em ir para Paris. O paralelo com April não é, naturalmente, acidental. Gabrielle é igualmente tão romântica e tola sentimentalmente quanto a atriz que lhe dá vida. A produção suburbana é um desastre, e as esperanças dos expectadores, Frank entre eles, não são apenas frustradas, mas esmigalhadas. Momento a momento, Yates ressalta cada passo em falso, cada deixa perdida, cada linha de diálogo arruinada. April, cuja beleza e postura dá ao leitor a esperança de ser a única salvação que contém e dá alguma graça ao show, logo desmorona no palco. A sequência é excruciante em sua humilhação. Yates sabota as esperanças de Frank e de April e, inclemente, as do leitor também.

> Ela estava trabalhando sozinha, e visivelmente enfraquecendo em cada linha de diálogo. Antes do final do primeiro ato a platéia conseguia, assim como os atores, perceber que ela havia perdido o controle, e logo todos estavam envergonhados por ela. Ela havia começado a alternar entre gestos dramáticos falsos e momentos de imobilidade; ela estava carregando todo o peso sobre seus ombros, e apesar de sua maquiagem pesada se podia enxergar a humilhação subindo à sua face e seu pescoço. (Yates 2009: 11, tradução nossa)

E este é apenas o primeiro ato. Interessantemente, a peça serve como metáfora para o casamento dos Wheeler. Depois da peça, a caminho do camarim, Frank reflete sobre suas altas expectativas. Seu encontro com April no vestiário é desconfortável e

longo. Durante a volta para casa, Frank tenta consolar sua esposa dizendo que tudo aquilo não importa e acaba por ridicularizar os outros atores da peça, o público, e toda a sociedade suburbana americana, como sempre faz, mas April, desta vez, não presta atenção, ou simplesmente não quer ouvir. No carro eles discutem e, aos gritos, à beira da estrada à noite, com a luz dos faróis dos carros dos vizinhos passando, como figuras de um mundo de F. Scott Fitzgerald, vendo o sonho tornar-se azedo e abrindo passagem livre para o desapontamento.

Cotidianamente, Frank e April comparam suas vidas com ideais tirados do cinema e dos jornais, e se importam com como as outras pessoas os vêem. Questionam se eles são bonitos o bastante e se têm os amigos certos. Há uma autoconsciência muito grande no casal e, ao mesmo tempo, uma ansiedade maior ainda de não serem inteiramente perfeitos como gostariam, ou por não saberem exatamente como se comportar e, desta maneira, ao zombar da conformidade dos outros, acabam sabotando a si mesmos. Eles trabalham e cuidam da casa e dos filhos, esperançosos de que a desordem de suas vidas seja organizada para que tudo se encaixe perfeitamente em seus devidos lugares. Com o passar dos meses, se dão conta do tamanho da lacuna que existe entre sua auto-percepção e a realidade, isto é, do fato de serem iguais a todos os outros. Esta consciência lhes faz tomar medidas drásticas com consequências trágicas.

Revolutionary Road tem poucas coisas boas a dizer sobre as instituições americanas, o que de fato não é um sentimento incomum para a época. O mais interessante, no entanto, são seus protagonistas, suas trajetórias e a maneira como são narrados. No início, Frank e April ganham a simpatia do leitor que conhece o quanto a vida nos subúrbios naquele local e naquela época pode ser desinteressante, falsa e insípida, e o quão massacrante era o trabalho naqueles escritórios nas cidades no mesmo contexto. Todas as pessoas conseguem se identificar com os horrores que a autoconsciência exacerbada pode potencialmente infligir, e mais ainda com o medo da dor que é ver as coisas dando errado para as pessoas que amam, de saber das frustrações de não se estar nem perto de viver a vida que se considera ideal. Mesmo entendendo que a vida é, de uma maneira geral, assim mesmo, muito do que acontece para os Wheeler é resultado de suas próprias ações, de seu egoísmo, de sua suas fraquezas e de sua falta de habilidade em admitir a verdade. Eles são comuns, não são especiais ou diferentes em nada. Yates faz o leitor ver e entender os desejos destes personagens (aqueles desejos que o ser humano compartilha, de certo modo) e as forças internas e externas que os impedem de realizar seus sonhos. Ao mesmo tempo em que Frank e April demonstram grande desdém pelos valores de sua cultura, em seus corações eles aspiram aos mesmos sucessos insípidos que ela sugere. A falha em obtê-los é toda deles; pelo menos é isto que o autor parece dizer, de certa maneira culpando-os por uma falta de vontade, de espírito e de imaginação, e pela ausência de auto-valorização real. Não obstante, Yates os escolheu para descrever ao leitor, e pede deste que contemple estas vidas, e o leitor obedientemente aquiesce.

Não restam dúvidas de que se trata de um livro doloroso e triste. A sequencia final fecha de maneira a não trazer conforto ao leitor. Naquela cena, um marido desliga seu aparelho de surdez para que não tenha que ouvir sua mulher tagarelando sem parar sobre como ela sabia que os Wheelers eram pessoas más desde o principio. A passagem não só destaca a falta de comunicação entre estes casais, e que existe entre muitos, mas também mostra o quão isoladas as pessoas podem ficar uma das outras. É um final poderoso e contundente.

Yates, em entrevista, respondendo a pergunta sobre o tema que une suas obras, confessa que esse tema é a incapacidade dos seres humanos de não tornarem-se solidários e completa que é aí que jazem suas tragédias pessoais (Bradfield 1992). O que distingue *Revolutionary Road* de outras obras não é apenas a frieza de sua visão, mas a tristeza tão intimamente ligada às aspirações de qualquer cidadão. Yates escreve quase que diretamente sobre a vida real, no sentido mais amplo, chegando ao ponto de apenas tangencialmente mudar em seus personagens os nomes reais das pessoas nas quais foram baseados (Bobrow 2009).

Somando a visibilidade que *Revolutionary Road* recebeu no período de seu lançamento (e nos anos seguintes) com o silêncio posterior de Yates na mídia, críticos e leitores começaram a se questionar se o autor não era apenas outro daqueles escritores-de-apenas-um-sucesso. Surgia a hipótese na época de que ele havia se deixado intimidar pelo sucesso. Anos mais tarde, o próprio Yates confessa não saber direito o que acontecera, e que suspeitava que sua reação se dera devido àquela velha conhecida pressão pelo *segundo* romance; conforme conta em entrevista a Scott Bradfield, publicada no jornal *The Independent* em 21 de novembro de 1992, poucos dias depois da morte de Yates.

Em 2005 *Revolutionary Road* é escolhido pela revista americana *Time* como integrante da lista dos '100 melhores romances em língua inglesa de 1923 ao presente' (Grossman & Lacayo 2005).

Recepção

Uma vez reconhecido como o mais elogiado dos autores, Yates é considerado por escritores célebres, como William Clark Styron, Kurt Vonnegut e Robert Stone, como a voz de uma geração. Os escritores Tobias Wolff e Andre Dubus o reverenciavam. As orelhas dos livros de Yates eram adornadas com citações de ninguém menos do que Tennessee Williams, Dorothy Parker, Ann Beattie e Gina Berriault. Seu nome desponta como sendo o escritor norte-americano que se deseja que mais pessoas tivessem lido, de acordo com a opinião do romancista e dramaturgo Cormac McCarthy. O escritor norte-americano vencedor do Prêmio *Pulitzer* Richard Ford é bem claro quando, no espaço reservado para agradecimentos em sua coletânea de contos *Women With Men*, de 1997, registra sua gratidão aos contos e romances de Yates, e afirma que este ainda é um escritor muito pouco apreciado – injustamente - até hoje (O'nan 1999).

As poucas críticas negativas que Yates recebeu revelam muito mais sobre a qualidade única de seu trabalho do que os elogios o fazem. Algumas pessoas continuam se perguntando como um autor pode aparentar, inicialmente, demonstrar tanta simpatia por seus personagens e algumas páginas depois simplesmente abandoná-los e sentenciá-los a tamanhos tormentos. Críticos menos atentos podem questionar se isto é por acaso ou se é intencional, pois parece tão injusto; questionam ainda se isso é algum tipo de falha artística. Outras críticas negativas lhe chamam de "sem vida" e até os seus admiradores já admitiram que seu trabalho pode ser deprimente (Sachs 2009). Outros o acham "uma estória profundamente lúgubre" (Schickel 2008: 1).

Além dessas opiniões pouco lisonjeiras, Yates sofreu a polêmica acusação de ser, para o bem ou para o mal, um *escritor para escritores*. Os argumentos para corroborar tal asserção são, no entanto, um pouco fracos, considerando que ele não se

encaixa nos moldes de Nabokov, que sofreu com a mesma acusação, porém pelo fato de ser uma espécie de acrobata linguístico – Yates não o foi – tampouco pode ser comparado a Steven Millhauser que, em caso semelhante, foi considerado como uma *fabulista das alturas* e não um escritor intelectual ou obsessivo, como geralmente se pensa de William Gaddis ou Harold Brodkey. No momento histórico que viu Thomas Pynchon, Don DeLillo e Salman Rushdie fazerem seus nomes (antes mesmo de atingirem a lista dos *bestsellers*), ele escreveu sobre a tristeza mundana da vida doméstica em linguagem que raramente, se alguma vez, chama atenção para si mesma. Como norma, não há nada que chame atenção de maneira pretensiosa em seu estilo. Seu trabalho pode ser chamado de simples e tradicional, por vezes convencional, livre de truques metaficcionais ou mesmo modernistas (O'nan 1999).

O único *escritor para escritores* com quem ele pode ser comparado é Anton Chekhov, ou talvez F. Scott Fitzgerald, embora sem a mesma chama poética do último. Enquanto cronista da vida americana *mainstream* dos anos 1930 aos 1960, é comparável apenas a John Cheever. Pela sua carreira, ele recebe com alguma constância críticas favoráveis da crítica altamente especializada; quatro de seus romances são selecionados pelo clube do Livro-do-Mês (*Book-of-the-Month Club*), todavia, não vende mais do que doze mil cópias de qualquer um de seus livros publicados em capa-dura (O'nan 1999).

Estilo

Dentre os *escritores para escritores*, ele é o mais legível e o mais acessível. Um mestre do ritmo narrativo, ele faz o tempo mover-se sem esforço e, desde o início, demonstra autoridade e comanda respeito. É exatamente a sua insistência na realidade dura do fracasso que faz com que Yates atraia os leitores que atrai, ou seja, quem entende da arte. Por vezes atrai mais a aquelas pessoas cujas vidas tenham visto mais histórias de fracasso do que de vitórias, seja no amor ou na família. Encontrar um escritor que entenda isso e que não adocique demasiadamente seus romances não é fácil, que não transforme o máximo possível de cenas em atrativos para lágrimas sentimentais é, de fato, uma verdadeira revelação. Décadas após a publicação de *Revolutionary Road*, seu texto permanece uma refrescante mudança da ficção melodramática e falsa para o verdadeiro Realismo.

A verdade é que Yates não perdoa ninguém. Não perdoa seus personagens e, principalmente não perdoa a si mesmo. Quando descreve o sofrimento de um personagem, ele traz o leitor junto, e o mantém lá, sofrendo junto. O leitor fica preso. Isto acontece com Frank, o protagonista de *Revolutionary Road*, quando ao assistir a performance de sua esposa na peça teatral amadora que se passa no início do romance, já que se trata, desde o início, de uma derrota anunciada. A peça "parecia esticar-se por horas, um teste duro e prolongado em que a performance de April Wheeler era tão ruim quanto a de todos os outros, se não pior" (Yates 2009: 12, tradução nossa). Além dela, todos os outros atores (e a platéia) somente queriam uma coisa: colocar tudo aquilo para trás o mais rápido possível. Yates não perdoa nenhum deles, tampouco, o leitor, que por vezes chega a ruborizar de embaraço pelos personagens. As esperanças são, sem clemência, substituídas pela ácida realidade. E não acaba assim, Yates parece simplesmente não poder evitar, ele continua, e o leitor é estranhamente seduzido a aguentar.

A questão sobre o que o leitor deve fazer ou sentir, onde sua simpatia deve jazer, não é complexa somente em *Revolutionary Road*, mas também em seus trabalhos seguintes. Assim como nas tragédias gregas, as tragédias de Yates igualmente se viram contra seus próprios personagens devido, especialmente, às suas falhas de caráter que são, por vezes, fatais. Independentemente da proporção desta comparação, o tamanho e a profundidade dos personagens de Yates geram os resultados extremamente semelhantes, no sentido de que os personagens fazem por merecer suas derrocadas; e parecem estar destinados a elas. Possivelmente é esta falta de misericórdia para com eles que faz do autor um ser único, e o processo de leitura de seus materiais, tão efetivo; e como alguns diriam, assustador. Durante a leitura, muitas pessoas reconhecem os desapontamentos e falhas de cálculo que os personagens sofrem por (in)experiência própria. O mais interessante é a recusa do autor em oferecer qualquer consolo ao leitor. O tradicional discurso que tudo redime e tudo perdoa, mesmo que em pequenas doses, passa ao largo da narrativa yatesiana. Nem mesmo as situações cômicas estão livres de humilhação. Na narrativa, quando o momento chega para se enfrentar o pior, não há qualquer tipo de evasão, a queda não é amaciada. O leitor mais experiente de Yates já se encolhe como reflexo antes de certas cenas, pois sabe que elas são inevitáveis e assim virão em algum momento nas próximas páginas. Boa parte do drama é justamente tentar, ou conseguir, antecipar o quão terrível a punição para o personagem será e como, e se, eles irão sobreviver a ela; e sempre de maneira sutil e contida.

Por outro lado, seria um exagero afirmar que não há esperança em/para nenhum personagem. Esperança há. Por exemplo, a esperança que Frank Wheeler tem através de todo *Revolutionary Road* é tão forte que ele frequentemente se ilude ao acreditar que um dia, por conseqüência de algum mecanismo invisível do destino, ele irá atingir suas metas e realizar seus sonhos e finalmente se tornar essa pessoa que ele tanto idealiza. Sua crença nessa *fantasia particular* é tão forte que nem mesmo a morte de sua esposa o faria livrar-se de sua ilusão.

A superfície de sua prosa é clara, de fato tão clara que os personagens e eventos que o autor descreve são comuns o bastante a ponto de serem prontamente identificáveis e, por vezes, demasiadamente parecidos com os que habitam o mundo real. Isto leva à hipótese de que talvez os escritores o elogiem, porque os leitores não o fazem.

Considerações finais

Depois da publicação de *Revolutionary Road* em 1961, Yates e seu editor, Sam Lawrence, não se apressam para publicar outro livro. Yates aceita a oferta de John Frankenheimer para escrever o roteiro do filme *Lie Down in Darkness*, de William Styron, e se muda para Hollywood – conforme fez, de maneira não sábia, seu ídolo F. Scott Fitzgerald. Uma vez terminado o roteiro, o filme nunca é realizado, e em 1963, Yates dá outro passo estranho, firmando contrato com a administração Kennedy para escrever discursos polítcos para o secretário geral Robert F. Kennedy. Após o assassinato de JFK, em novembro de 1963, Yates assume a cátedra na Universidade de Iowa, onde encontra tempo para atuar como co-roteirista de outro filme, *The Bridge at Remagen*, lançado em 1969, sobre a segunda guerra mundial.

Seu segundo livro, *A Special Providence*, demora aproximadamente oito anos para ser lançado. Enfim, em outubro de 1969, é publicado pela Alfred Knopf Editores. A epígrafe deste continha uma frase de W. H. Auden, do poema *In Memory of Ernst*

Toller que como conclusão, nos sugere reflexão: *We are lived by powers we pretend to understand*.

Atualmente, das dezenas de milhares de títulos que abarrotam as livrarias (*megastores*), nenhum deles é dele, seja em livrarias americanas ou de qualquer lugar do mundo. Ocasionalmente pode-se encontrar edições de bolso dos anos 1980, reimpressões da *Delta* ou da *Vintage Contemporary* em sebos, e possivelmente até uma cópia usada de *The Easter Parade* ou de *A Good School*, mas isto é raro. Mais difícil ainda é encontrar os livros publicados no meio de sua carreira, como *A Special Providence* ou *Disturbing the Peace*. Escrever tão bem e então ser esquecido é um legado assustador e indesejável. Pensa-se que se uma pessoa escreve bem o bastante, ela sobrevive na memória dos leitores, ou seus personagens, pelo menos, sobrevivem (O'nan1999).

Em um determinado momento, os livros de qualidade inferior e os que são *da moda* irão desaparecer e os bons livros virão ao topo. Não é realmente a reputação de seus escritores que importa, visto que reputações são frequentemente infladas por agentes com interesses mercadológicos com o objetivo único de lucrar com os livros. Estudantes e amantes da literatura devem acreditar nisto. Os trabalhos de Yates estão perdidos em algum lugar em meio a estas circunstâncias, que permitem que um escritor tão bem respeitado e até mesmo amado por seus pares, um escritor capaz de comover seus leitores de maneira tão profunda, caia em esquecimento pelas editoras e, consequentemente, pelos leitores. Devemos lembrar que este é um escritor que definiu a confusão da *Idade da Ansiedade* de maneira tão habilidosa quanto Fitzgerald o fez com a Era do Jazz, um escritor que influenciou ícones literários como Raymond Carver e Andre Dubus, entre tantos outros, um escritor tão franco e eloquente em sua prosa e na construção de seus personagens (O'nan 1999).

Em 1999, o crítico Stuart O'Nan profetizava que, em algum momento, os livros de Yates voltariam a ser publicados, assim como havia acontecido com Faulkner e com Fitzgerald, e Yates iria, então, assumir seu devido lugar no cânone americano. Exatamente como e se isto irá acontecer, não se sabe. Escritores e editores estão conscientes desta situação. Historicamente conhecemos o caso de John Fante, ressuscitado por Charles Bukowski, e espera-se que algum grande escritor um dia convença seus editores a ressuscitar Yates.

A resenha escrita por O'Nan intitulada *O Mundo Perdido de Richard Yates* (*The Lost World of Richard Yates: How the Great Writer of the Age of Anxiety Disappeared from Print*), publicada na edição de outubro/novembro do jornal americano *Boston Review* se tornou, desde então, o principal texto que deu início a um tímido porém promissor *revival* para o escritor. O presente estudo adapta e discute diversas porções deste texto. Graças a O'Nan, leitores novos estão desfrutando de uma "há muito esperada re-apreciação crítica" de Yates (Eiben 2003: 1, tradução nossa). Seu texto é publicado aproximadamente uma década antes do lançamento do filme *Revolutionary Road*, o primeiro e único a receber adaptação cinematográfica e, sem dúvida, o maior responsável pela visibilidade do grande cronista da *Idade da Ansiedade* na *Idade da Informação*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOBROW, Emily. The Q&A: Blake Bailey. Literary Biographer. More Intelligent Life, 2009. Disponível em: <http://moreintelligentlife.com/blog/qa-blake-bailey-literary-biographer>. Acesso em: 15 mar 2010.

BRADFIELD, Scott. Interview: Follow the Long and Revolutionary Road. In: *The Independent*, novembro/1992. Disponível em: <http://www.tbns.net/elevenkinds/bradfield.html>. Acesso em: 18 mar 2010.

EIBEN, Therese. Watching Seinfeld with Richard Yates: Postcard from New York City. In: *Poets & Writers Magazine*, setembro/2003. Disponível em: <http://www.pw.org/content/watching_seinfeld_richard_yates_postcard_new_york_city>. Acesso em: 4 ago 2010.

GROSSMAN, Lev & LACAYO, Richard. 100 Best English-Language Novels from 1923 to the Present. In: *Time*, 2005. Disponível em: <http://www.time.com/time/specials/packages/completelist/0,29569,1951793,00.html>. Acesso em: 15 mar 2010.

HAYGOOD, Wil. Os tormentos de John Cheever. Livro. In: *Ípsilon*, abril/2009.

O'NAN, Stewart. The Lost World of Richard Yates: How the Great Writer of the Age of Anxiety Disappeared from Print. In: *Boston Review*, novembro/1999. Disponível em: <http://bostonreview.net/BR24.5/onan.html>. Acesso em: 15 mar 2010.

SACHS, Andrea. Revolutionary Road Finds Readers, If Not Viewers. In: *Time*, fevereiro/2009. Disponível em: <**http://www.time.com/time/arts/article/0,8599,1879515,00.html**>. Acesso em: 18 mar 2010.

SCHICKEL, Richard. Revolutionary Road. In: *Time*, dezembro/2008. Disponível em: <http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,1868288_1868293_1868302,00.html>. Acesso em: 18 mar 2010.

YATES, Richard. *Revolutionary Road*. New York: Vintage Books, 2009.

Artigo recebido em 8 de setembro de 2011 e aprovado em 5 de outubro de 2011.